
Afetos do futebol na narração radiofônica: análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento¹Andrei GOBBO²João DAMASIO da Silva Neto³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O artigo trata sobre a dimensão comunicacional do afeto presente na relação afetiva entre torcida, imprensa e clube, a partir da análise de uma transmissão esportiva radiofônica da partida de futebol entre Oeste e São Bento, válida pela semifinal do Campeonato Paulista Série A2 de 2022. O texto constrói o modelo de tríade afetiva “Imprensa, Clube e Torcida” a partir de uma breve trajetória do futebol, da imprensa esportiva e da locução esportiva. Constrói-se a definição do que é afeto e comunicação a partir de um confronto entre noções ofertadas por Sodré (2006), Braga (2011) e Marcondes Filho (2012). A análise define cinco momentos decisivos, pela descrição visual do lance, pela materialidade cultural da narração radiofônica e pelo relato metapórico do momento no estádio. Por fim, são definidas categorias afetivas que evidenciam a dimensão comunicacional na construção dos afetos no futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte Clube São Bento; afeto; narração esportiva; futebol local; comunicação.

1. Introdução

A trajetória de um time de futebol interiorano no Brasil envolve, essencialmente, sua torcida, sua equipe e os jornalistas locais que informam os torcedores sobre a partida do clube. Um clube centenário evidencia ainda mais tal questão com a tradição passando por gerações familiares e pela identificação com a cidade.

A ligação pessoal de um dos autores deste artigo com o Esporte Clube São Bento deve ser evidenciada desde o início, já que constrói um caminho genealógico baseado na cultura local de futebol e na paixão em frequentar os estádios vestindo a camisa alviceleste, característica do time.

O São Bento, com 109 anos de idade, e de Sorocaba, cidade do interior paulista, passou por mais uma partida decisiva no dia 09 de abril de 2022, contra o Oeste Futebol Clube, atualmente em Barueri, na região metropolitana da capital paulista. Depois de

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: andreigobbo1@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação pela UNISINOS e Docente do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: jooadamasio16@gmail.com

instabilidades nos anos anteriores, o time sorocabano estava em mais uma decisão para voltar para a elite do futebol paulista. Na transmissão do jogo, esteve presente a equipe da Cruzeiro FM, que acompanha os jogos da equipe alviceleste. O autor também estava presente, mas nas arquibancadas, como torcedor.

E em tais decisões é que a conexão entre os elementos que sustentam um time se mostra, seja nos momentos mais críticos e de baixa, mas também nas glórias e nas comemorações. Sabendo que esse afeto não é dado *a priori*, buscamos entender, a partir de cinco momentos selecionados no jogo, **como o afeto foi comunicacionalmente construído na narração radiofônica da partida entre Oeste x São Bento.**

2. Afetos do futebol: Clubes, Imprensa e Torcida

O jogo entre Oeste e São Bento pela semifinal da Série A2 do Campeonato Paulista e sua transmissão pela rádio Cruzeiro FM de Sorocaba mobilizam uma série de fatores que esta pesquisa busca descrever e analisar. Para entender a dimensão comunicacional do afeto em uma transmissão radiofônica de futebol, é necessário entender a trajetória do futebol, da imprensa e da narração esportiva no Brasil.

O futebol chegou oficialmente ao Brasil em 1894 (GUIMARÃES, 2020) e teve sua prática se expandindo de forma orgânica, inicialmente entre as elites e depois para a população em geral, que adotou o futebol como esporte nacional e prática recorrente. O futebol tornou-se, no país, uma espécie de símbolo nacional, com a paixão dominando os sentidos dos torcedores que acompanham jogo a jogo e expressam a sua conexão com os clubes. De acordo com Toledo (2000, p. 38),

Os sentidos multiplicadores da paixão pelo futebol estão igualmente presentes no cotidiano torcedor, no burburinho das ruas, nos meandros e loci simbólicos de domínio da fala comum, se esgueirando e motivando qualquer assunto, transfigurados em outras esferas da vida social, expressando a polissemia e as várias dimensões do sentir e dos usos da emoção, externada por milhões de indivíduos pessoalizados em torcedores. Emoção que transcende os limites e conjunturas político-institucionais mais visíveis, bem como os discursos desencantados sobre o jogo.

Nesse contexto, o jornalismo esportivo no Brasil esteve acompanhado da história do futebol no país, com o protagonismo inicial do modelo de crônica esportiva, adaptada ao futebol a partir dos anos 1920 e com Mário Rodrigues Filho como o grande reinventor

em 1926 (TOLEDO, 2000). Ao longo das décadas de 1920 e 1930, com a popularização da rádio como meio de comunicação do Brasil e sua expansão, outra modalidade de rádio foi aberta: a narração esportiva.

Guimarães (2020) relata que as primeiras experiências com a narração esportiva aconteceram de 1923 a 1930, mas foi no dia 19 de julho de 1931 que foi consolidado o modelo de transmissão esportiva como conhecemos hoje, com a partida entre as Seleções de São Paulo e Paraná, transmitidas pela Rádio Educadora Paulista, comandada pelo narrador Nicolau Tuma, apelidado de “*Speaker Metralhadora*”.

Uma das discussões presentes na história do jornalismo esportivo é a problemática do clubismo presente nas coberturas das partidas. Toledo (2000) cita as polêmicas que jornalistas do Rio de Janeiro e São Paulo se envolviam em relação aos convocados pela seleção serem mais de um lado do que do outro da Serra da Mantiqueira.

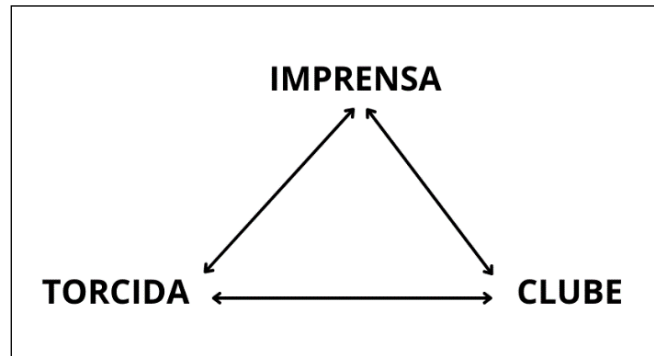
Já no interior, essa relação é atenuada devido à proximidade e emoção na relação entre torcedor, clube e imprensa local, que passa pelo mesmo objetivo de levar o clube para o maior patamar possível. Toledo (2000, p. 187) afirma que:

Estas polêmicas dentro do domínio da crônica, levadas a público, e que dinamizam ainda mais o gosto pelo futebol, são reveladoras da formação e coexistência dessas comunidades morais e de interesses inter-relacionados de torcedores, profissionais e especialistas, que articulam, de modo dinâmico, as várias dimensões e representações, das querelas técnicas às políticas, antagônicas mas muitas vezes complementares do fato futebol.

A partir da questão do clubismo, da problemática de times de menor visibilidade por disputarem campeonatos estaduais e as divisões inferiores do Campeonato Brasileiro e da necessidade de os times precisarem do apoio dos torcedores fieis e dos veículos de imprensa local, é possível abrir margem para a construção de um modelo essencial para a análise, que é a tríade Clube-Torcida Imprensa, proposta por nós em Gobbo (2023).

A relação entre torcida, imprensa e clube não pode ser vista como uma relação linear de comunicação, como se a imprensa apenas informasse o que os clubes dizem ou fazem à torcida. Há um jogo de idas e vindas que se sustenta mutuamente, conforme a figura a seguir:

Figura 1 – Tríade imprensa-clube-torcida



Fonte: Gobbo (2023, p. 20).

Um dos pontos, a “Torcida”, é definido pelos torcedores fiéis ao time, que se apegam a símbolos e a comunidade representada pela paixão por um time; a “Imprensa”, representa jornais e rádios locais, como a Cruzeiro FM, abordada no trabalho, e que fazem a cobertura das partidas e do dia a dia dos times; e o “Clube”, que representa tanto os jogadores, a comissão técnica, funcionários “de campo” e de “escritório”, conselhos, diretores e presidência.

Tais pontos são essenciais para a compreensão dos afetos do futebol e como em momentos-chave dos times esses três são relacionados e afetados pelo outro em um processo análogo ao formato de triângulo, em que todos são afetados mutuamente e tal relação não pode ser vista como uma relação linear de comunicação, como se a imprensa apenas informasse o que os clubes dizem ou fazem à torcida.

3. A dimensão comunicacional do afeto

As antigas teorias da comunicação, como as Teorias Matemáticas e a “Agulha Hipodérmica”, ambas pesquisadas por Wolf (2009), nos fariam abordar a narração radiofônica no futebol como algo linear, mas sabemos que, nas teorias contemporâneas da comunicação, os caminhos entre os contextos culturais e sociais são complexos o suficiente para não autorizarem esse modelo unilateral e linear.

Quase se trata de um tema tão complexo quanto o afeto, por exemplo, é preciso perceber que não existe afeto transmitido de um ponto a outro, mas construído em múltiplas relações sociais, conforme a definição de Raymond Williams (apud FERREIRA, 2019), teórico dos Estudos Culturais.

Para Gomes e Antunes (2019), “na perspectiva de Williams, práticas culturais devem ser estudadas a partir da experiência vivida e das práticas cotidianas de atores historicamente situados”. Por isso, em nossa perspectiva, a dimensão comunicacional do afeto deve ser vista em sua dinamicidade, sem ser limitada ao meio, técnica jornalista ou conteúdo.

É importante destacar que, na abordagem proposta, o afeto não se limita à emoção. E, por isso, a dimensão comunicativa do afeto pode ter diversas implicações. Por isso, a proposta deste trabalho passa pela abordagem e confronto entre noções ofertadas por três autores brasileiros que não limitam a sua pesquisa ao afeto, mas que entram em interface com a definição abordada nesse artigo: Muniz Sodré, com o livro “As Estratégias Sensíveis” (2006), Ciro Marcondes Filho, com o artigo “De repente, o prédio falou comigo” (2011), e José Luiz Braga, com o artigo “Interação como contexto da comunicação” (2012), como resposta a Marcondes Filho.

Sodré (2006) traz a mídia como mobilizadora de estratégias sensíveis na contemporaneidade. Ao evocar a etimologia da palavra “afeto”, ele explica que este “refere-se ao exercício de uma ação no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B” (SODRÉ, 2006, p. 28), questão que toma a forma de um debate com base na dualidade entre razão e emoção em bases filosóficas e teológicas e que, posteriormente, será apropriada por usos instrumentais do espetáculo e, mais precisamente, no uso do espetáculo em tais meios difusos, presentes na sociedade de massa.

É possível compreender, por exemplo, que a locução esportiva coloca o esporte como objeto e símbolo de emoções para o torcedor, mostrando que a relação entre mídia e esporte ultrapassa a lógica e abre um campo de estratégias sensíveis, pois o afeto é dinamizado midiaticamente. No entanto, esse pensamento ainda é limitante, por não ir além do meio de comunicação afetando a emoção do espectador.

Marcondes Filho (2011) defende que a comunicação só é comunicação quando as partes são afetadas, podendo ser em dupla participação ou não, mas sempre com a figura do “Outro” e transformadas pela recepção desse conteúdo e informação em seus estados. O pesquisador também aborda um dos métodos utilizados em nossa análise, que é a proposição metapórica, uma forma de experienciar e atribuir o sentimento ao seu objeto de pesquisa e pensar de que forma foi afetado e transformado por tal objeto. Ele também insiste em um conceito complexo, que é a inexistência do sujeito, afirmando que todos são um emaranhado de ideias e experiências.

Mas a visão de uma comunicação exclusivamente quando as partes são afetadas é contraposto por Braga (2012) em seu artigo, reforçando que a comunicação é uma interação social para que eventualmente o afeto alcance êxitos consideráveis. Isto é, comunicação não pode ser apenas a comunicação com resultados positivos.

Parece-me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam umas sobre as outras, se escutam mutuamente – e, por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados. Assim como, historicamente, se modificam as instituições (BRAGA, 2012, p. 29).

A partir desse ponto, a importância da escuta e do “resultado (variável) das interações” é abordada por Braga (2012), e ele reafirma o aspecto da interação como fator principal na dimensão comunicacional do afeto. Nesse questionamento, entramos na ideia de um gradiente de comunicação, em que Braga (2012) defende a análise de cada caso de estudo e de seu interesse de como elas devem ser estudadas fora do ideal de uma “comunicação alta”, e de como todas possuem experiências diferentes.

4. Oeste x São Bento na transmissão da Rádio Cruzeiro FM de Sorocaba

Com base na discussão sobre futebol, em confronto com as noções de comunicação e afeto, o presente artigo busca entender como se estabelece a dimensão comunicacional do afeto presente em uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol e sua cobertura. Nessa cobertura fazem parte a narração, comentários e reportagens de campo. A partir de tal transmissão, objetivou-se entender de qual forma elas são colocadas por meio do conceito da tríade, que acontece no futebol interiorano.

A transmissão teve início às 17h05, com a locução do narrador Nilson Duarte, do comentarista Gustavo Gebaile e do repórter de campo Caio Rossini começando às 18h50 e com o jogo começando pontualmente às 19h. O resultado do jogo foi 1x1, com o placar agregado dos jogos de ida e volta em 3x3, e vencido nos pênaltis pelo São Bento no placar de 3x2. A íntegra da transmissão está disponível no YouTube, no canal da Rádio.

Os momentos-chave que foram escolhidos para análise se baseiam em uma série de aspectos, desde a lembrança da emoção sentida pelo pesquisador em determinados momentos ao estar presente no jogo na arquibancada e escutando a transmissão simultaneamente e as emoções sentidas ao escutar novamente para lembrar o jogo, junto

dos comentários da gravação da transmissão, que apontam momentos semelhantes como ponto alto de emoção no jogo. O esmiuçar desses momentos é tratado na segunda parte dessa análise, aplicando a cada elemento da tríade uma mudança significativa do jogo.

Os momentos são: O gol do Oeste, aos oito minutos de jogo e no tempo 2h04min11s da transmissão; O gol perdido pelo Oeste aos 38 minutos do segundo tempo e no momento 3h42min38s; O gol do São Bento aos 5 minutos de tempo de acréscimo do segundo tempo e aos 3h54min9s na gravação; A disputa de pênaltis a partir do momento 4h06min41s, com destaque para os pênaltis defendidos pelo goleiro Zé Carlos, sendo a primeira, a segunda e a quinta cobrança do Oeste; A comemoração do acesso do São Bento para a primeira divisão paulista a partir do momento 4h16m45s, com a fala do narrador.

Antes de adentrar às análises de cada um desses momentos, vamos abordar o contexto e o histórico constituintes da problemática da constituição comunicação dos afetos da narração radiofônica no futebol.

4.1 Contexto e História

Segundo o portal do clube, o Esporte Clube São Bento é um clube de Sorocaba, com 109 anos de sua fundação, em 14 de setembro de 1913. Com início no futebol amador, teve o processo de profissionalização iniciado em 1953, o seu sequente acesso a divisão principal do Campeonato Paulista em 1962, e sua permanência ininterrupta, de 1963 até 1992. Nos anos seguintes, o clube passou por instabilidades nas décadas de 1990 e 2000, flutuando entre as séries A1, A2 e A3 do Paulistão.

Um destaque de 2008 é o “Jogo da Marmelada”, citado pelo narrador na transmissão de 2022, quando o São Bento dependia de um resultado diferente do empate entre Oeste e Mogi Mirim na Série A2 em 03 de maio de 2008. As equipes foram acusadas pelos torcedores e pela imprensa local de combinarem resultados, empatando de propósito, termo no futebol apelidado de “Jogo de Comadres” e prejudicar o São Bento.

Já na década de 2010, o time alviceleste passou por uma crise até 2013, ano do centenário, com a ascensão da Série A3 para A2 e, em 2014, para a A1. Em 2016, consegue o direito de disputar a Série D do Campeonato Brasileiro, subindo no mesmo ano para a Série C e, em 2017, para a Série B. Os sucessivos acessos e boas campanhas pararam em 2019, com a queda dupla para a Série C e para a A2, seguido por uma volta

para a Série A1 em 2020, mas com queda novamente em 2021 para Série A2 e ficando sem divisão nacional.

Na fase classificatória da Série A2, o São Bento terminou em sexto lugar de 16 clubes, classificando para a fase mata-mata. Nas quartas de final, enfrentou o XV de Piracicaba, com uma vitória tensa em casa por 1x0 e uma vitória por goleada na volta, em Piracicaba, por 1x5, se classificando para a semifinal contra o Oeste.

O primeiro jogo, no Estádio Walter Ribeiro, também foi tenso, com o primeiro tempo terminando com o placar de 0x2 para o Oeste, com gols de Bruno e Léo Ceará, mas o São Bento buscou o empate e terminou a partida em 2x2, com gols de Diogo Oliveira e Wilson Junior, levando o placar zerado para o jogo em Barueri.

Um detalhe importante para se destacar é a questão da história dos dois clubes, com o Oeste Futebol Clube, originalmente da cidade de Itápolis e fundado em 1921, mas se mudando da cidade para Barueri em 2017, perdendo as raízes locais e a torcida que a apoiava. Tal confusão é citada na reportagem de Guilherme Giavoni, de 14 de novembro de 2017, para o site ge.globo.com com o título de “De Itápolis ou Barueri? Quem é o Oeste, time que briga pelo acesso à Série A”.

Ao analisar essa questão do Oeste e da construção de uma identidade histórica de um time apoiada na estrutura jornalística e comunicacional da imprensa, da organização de campo, administrativa, política e executiva de um clube e da lealdade, senso de comunidade e de emoção de uma torcida, essa mudança de cidade pode ser considerada como uma quebra na confiança do local-cidade.

Já a torcida do São Bento aborda em seus cantos questão da tradição de um clube. Ela ser perdida, seja por clubes novos, mudanças de sede ou de outros fatores, se comparado a clubes que se mantêm próximos de suas torcidas locais, não mudando de cidade ou bairro e se entrelaçando com a história dos moradores, é abordada pela torcida beneditina em frases comuns na arquibancada, estampadas em bandeiras de torcidas organizadas e entoadas por pessoas próximas ao clube. “Tradição não se compra” é uma dessas frases.

4.2 A partida e os momentos-chave

A análise dos cinco momentos se justifica pela potência e intensidade de cada um em cada um dos elementos da tríade para a torcida, a imprensa e o clube do São Bento,

em um jogo com altas expectativas por sua natureza decisória e pelo contexto do jogo anterior.

Ela se baseia em três pontos de análise: descrição visual do lance, por meio da transmissão no canal do YouTube do Paulistão; transcrição da narração em cada um dos momentos, seguindo o ponto da imaginação necessária em uma narração por áudio; relato baseado nas emoções e memória colocadas em questão em uma análise com elementos metapóricos por parte do autor, enquanto estava no estádio assistindo à partida.

O primeiro momento, o gol do Oeste, é feito por Léo Ceará aos oito minutos do primeiro tempo. A jogada começa com Feijão (Oeste), que cruza a bola para a área. Após cruzar para a área, Popó (Oeste) cabeceia para Léo Ceará, que dominou a bola, ajeitou para o meio e chutou para o gol, acertando o ângulo direito, sem chances de defesa para o goleiro Zé Carlos.

Esse momento é o mais “frio” e mais próximo da tentativa jornalística idealista de se manter uma “imparcialidade mínima” e ser respeitoso com o hipotético torcedor que estaria ouvindo pela rádio o momento do gol. Nilson Duarte grita “gol”, até cita o valor de um gol bonito, um “golaço”, mas sem a intensidade e as frases de identificação, presentes nos futuros momentos, quando a equipe sorocabana consegue reverter o resultado. Ele passa a fala para o repórter de campo, como segue sendo o padrão para o restante dos lances.

Quanto a emoção que senti no momento desse gol, a descrição é que o medo de uma derrota e a frustração e apreensão de ter que ver o clube correr atrás de um resultado complicado, por ser um jogo fora de casa, mesmo com o apoio da torcida. Alguns torcedores ficaram visivelmente enraivecidos, mas fiquei por um breve momento atônito e frustrado. Apesar de ter um princípio de confusão em uma certa parte da torcida, os ânimos se acalmaram e a torcida voltou a cantar e apoiar o clube.

Já o segundo momento, do gol perdido do Oeste, em jogada de Tite, que aconteceu aos 38 minutos do segundo tempo. A emoção e o estilo de narração nessa parte do jogo já estão diferentes, com a corrida para empatar o jogo mais acelerada pelo tempo restante do jogo ser escasso.

O momento se inicia com um passe de Foguinho (São Bento), que foi interceptado pelo Tite, que conseguiu conduzir a bola pelo campo do São Bento sem contestação e apenas com o goleiro Zé Carlos em sua frente, e o colega de equipe que vinha do seu lado direito. Ao avançar com a bola, Tite consegue driblar o goleiro, indo para a esquerda, mas

adiantando muito a bola e se desequilibrando, caindo e atingindo a bola com as costas, que foi lentamente para fora.

Ao analisar a locução nesse momento, é perceptível a importância do lance, com citações de possível “gol do acesso”, e também a visível incredibilidade do lance, por ser uma chance clara ao gol, com gritos de “Inacreditável” e surpresa de momento. O repórter de campo cita um momento semelhante, no chute errado de Nilson, que aconteceu no jogo da Copa do Brasil entre Santos e Palmeiras, no dia 25 de novembro de 2015.

Na análise metapórica, esse momento foi uma sequência de emoções intensas em poucos segundos, partindo do desespero e da desesperança, para a surpresa incrível. O gol perdido gerou em mim e na torcida uma pequena fração de tempo um silêncio de incompreensão do que tinha ocorrido, até um estouro desse estado de estase para o alívio e a catarse do clube ter recebido, como se por providência divina, destino ou mero acaso, mais uma chance para voltar ao jogo e reverter o resultado para pelo menos o empate.

O terceiro momento analisado parte de, talvez, o momento mais emblemático do jogo em tempo regulamentar, caracterizado pela potência das emoções de toda tríade, em suas reações e momento-chave de uma “virada de chave”. Esse momento em que o São Bento, após tentar o empate por todo o jogo, sentindo a pressão do tempo da partida apertando, e, aos cinco minutos do tempo de acréscimo ao tempo regulamentar do segundo tempo, conseguiu empatar a partida e levar o jogo para a disputa de pênaltis, em uma cabeçada de Serginho.

O momento se inicia na cobrança de escanteio pelos pés de Victor Bolt, que cruza a bola em ângulo fechado, com o jogador do Oeste afastando a bola, que volta para Victor Bolt, que cruza novamente, agora na posição onde Serginho estava. Serginho sobe sozinho na bola, sem marcação, e cabeceia para o chão, com a bola voltando para cima, tirando a possibilidade da defesa do goleiro Fernando Henrique.

A narração de Nilson Duarte nesse instante está ainda mais emocional e voltada a frases, memórias, bordões e conexões com momentos e símbolos da torcida e do clube. Ele cita o tempo do jogo, chama o ouvinte “amigo torcedor”, faz um chamado de ação ao atleta que fez a assistência para o gol, com “Capricha, Bolt!”, descreve a jogada de maneira rápida e tem a explosão do momento do gol, onde exclama para o torcedor para vibrar com ele pelo gol marcado, antes mesmo do tradicional grito, nesse caso um literal grito, de gol.

No momento do gol, a expressão suprema de felicidade de uma torcida em um jogo de futebol, ainda mais em um momento de tensão, foi comemorada de forma intensa por toda a torcida, com o grito de gol ecoando por todo o estádio. O autor dessa pesquisa, no momento do gol, caiu de joelhos e não acreditou no gol no primeiro momento, por ter visto pela segunda vez na vida uma virada de resultado inacreditável do clube do coração.

Já a disputa de pênaltis, um momento de maior duração que um gol, se destacou com a figura “heroica” do goleiro Zé Carlos, que defendeu três pênaltis nas penalidades, sendo essencial para o acesso do São Bento para a primeira divisão paulista. Além disso, a conversão de três de quatro penalidades garantiu a subida para a Série A1.

Os dois primeiros pênaltis do Oeste, cobrados por Rafael Luz e Léo Ceará, são batidos de forma semelhante, a meia altura no canto direito de Zé Carlos, sem muita força, e defendidos com tranquilidade pelo arqueiro beneditino. Já as primeiras três cobranças do São Bento foram convertidas com êxito, com destaque para os personagens das duas primeiras, Lucas Lima e Serginho. As duas cobranças seguintes do Oeste foram convertidas, e a quarta cobrança alviceleste, cobrada por Foguinho, e que seria a decisiva, foi desperdiçada em uma defesa do goleiro Fernando Henrique, que defendeu a cobrança a meia altura no canto direito. A cobrança decisiva e que definiu o acesso foi a quinta cobrança do Oeste, com a defesa de Zé Carlos da bola que veio a meia altura, no canto esquerdo, garantindo a comemoração da torcida.

Na narração de Nilson Duarte, antes das cobranças do Oeste, o narrador reforçava o aspecto heroico que poderia ser passado para Zé Carlos, com “Bora ser herói, Zé Carlos!”, comemorando as defesas energeticamente, e citando frases identificadas com a torcida, além de valorizar os cobradores beneditinos, por suas trajetórias e identificação com o clube. Nas duas defesas, o narrador valorizava cada vez mais o goleiro, tanto que na última defesa o sinal cai após o grito de “ZÉ CARLOS! ZÉ CARLOS”.

Nos pênaltis, a confiança da torcida era alta e, para cada defesa de Zé Carlos e conversão do pênalti pelo São Bento, essa confiança aumentava mais. Apesar do susto do pênalti perdido por Foguinho, a defesa decisiva do quinto pênalti do oeste ocasionou na comemoração em forma máxima do autor, da torcida e dos jogadores, com a consagração definitiva de Zé Carlos como herói do acesso e do retorno a elite após um ano da queda, diante de adversidades e fortes adversários. Gritos de comemoração, abraços, lágrimas, cantos, gravações, fotos e ligações fizeram parte da celebração do acesso.

A narração, interrompida com a queda do sinal, volta com a celebração em volume alto de Nilson Duarte que o São Bento voltou a elite, em gritos de celebração tanto ao goleiro, quanto aos jogadores e reforçando o aspecto de tradição presente na cultura da torcida e do clube, com a frase “Tradição não se compra”. Ele cita, dentro dessa tradição da equipe, já centenária, no futebol paulista e brasileiro, que o dinheiro “pode comprar muitas coisas no futebol”, mas que essa tradição não pode ser comprada por valor monetário algum. A “marmelada”, do jogo de 2008, surge como símbolo de uma injustiça, agora vingada pela torcida, pelo clube e pela imprensa.

A descrição de cada um desses momentos já evidencia o afeto na comunicação. Mas, para além disso, a proposta deste trabalho foi perceber a dimensão comunicacional do afeto. Na perspectiva construída para esta pesquisa, pensamos que a comunicação não se resume nem ao rádio como mídia, nem à narração como conteúdo, pois está relacionada ao modo de construir o afeto socialmente, no caso ligado ao futebol.

4.3 Categorias comunicativas do afeto

Ao abordar cada um desses momentos-chave, é possível compreender algumas categorias afetivas aplicadas na dimensão comunicacional pelos três elementos da tríade. Ao pensarmos tal categorização, elaboramos sete categorias comunicativas do afeto, que podem convergir entre si, mas estão subdivididas para fins analíticos, podendo ser aplicadas aos diversos instantes da partida, interpretadas pelo clube, pela imprensa e pela torcida.

Signos do afeto: A primeira categoria é a dos signos da emoção, em que se identifica símbolos de emoções que podem estar presentes na dimensão comunicacional do afeto. Entre eles, o grito e a exclamação, que são signos de uma emoção exacerbada, presentes no momento mais importante de uma partida, que é o gol. A pressa, a sensação de aceleração do tempo é outro signo, presente na necessidade do gol para o empate.

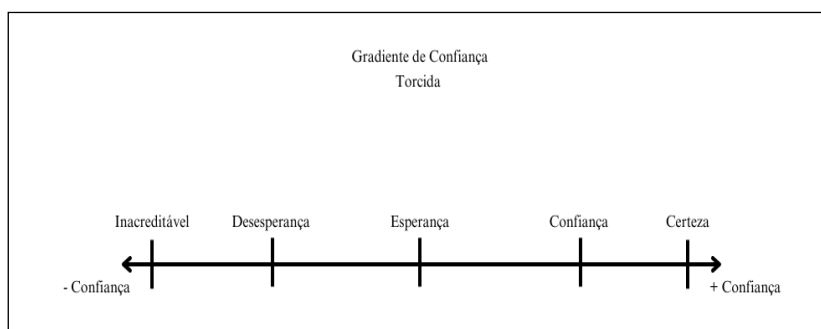
A reiteração, a repetição de uma frase, para reforço do significado dela, é presente na narração, como na referência heroica ao goleiro. Os bordões, como “Fatal” e “Vem vibrar comigo, amigo torcedor”, também são referências de emoção, presentes na locução. Além disso, inserções não-verbais, como pigarros, também fazem parte de tais signos. Mais voltados a torcida, o canto das arquibancadas, sejam hinos ou cânticos já identificados também fazem parte, mas em contraponto, o silêncio da surpresa também

faz parte. As interações entre os torcedores, como a comemoração em conjunto e o comentário sobre a partida, também são identificadas como signos.

Gradiente de confiança: Pensamos um Gradiente de Confiança, aplicado em duas réguas para demonstrar a variabilidade dos índices: a confiança da torcida e a “moral” dos clubes. Ele é aplicado pela confiança e determinação que uma equipe em campo ou que torcedores na arquibancada tem em momentos específicos do jogo.

Em relação à torcida, partimos do ponto de menos confiança para o de maior confiança. Começando do “Inacreditável”, referenciado no gol perdido do Oeste, a “Desesperança”; quando o gol do Oeste foi marcado; “Esperança”, como ponto médio e comum ao torcedor em um momento neutro; “Confiança”, quando a torcida confia na vitória e no resultado do clube; e “Certeza”, ponto mais extremado de confiança.

Figura 2 – Gradiente de confiança: torcida



Fonte: Gobbo (2023, p. 53).

Já o Gradiente de Clube e Moral avalia como os jogadores se portam dentro de campo em relação a moral e como isso afeta o jogo em si, seja depois de um gol feito ou perdido, uma defesa importante ou um pênalti desperdiçado.

Figura 3 – Gradiente de confiança: clube e moral



Fonte: Gobbo (2023, p. 55).

Reações abruptas: O terceiro ponto são os registros de reações abruptas, seja da imprensa, deixando de lado o ideário de “imparcialidade” e comemorando, ou de um técnico expulso por revolta contra a arbitragem. Elas fazem parte essencialmente do afeto.

Remição: Um quarto elemento é a remição, que vem do ato de remeter a alguma coisa, ou, nesse caso, a um elemento passado ao jogo, está presente na transmissão do jogo em vários momentos, também aliados a memória de um time, como frases que remetam ao clube, a torcida e a própria imprensa, que são abordados mais a frente, mas também a elementos presentes na história do futebol e também em sua cultura.

Dinâmicas de tradição e memória: A quinta categoria trata das dinâmicas envolvendo tradição e memória, ajudando a construir, além da personalidade de um indivíduo, a construção de uma tradição de um clube e sua relação com o bairro, cidade ou região que se estabelece, criando e firmando raízes profundas em sua localidade. Tal tradição é valorizada por sua torcida, que mantém uma relação de fidelidade com a figura tradicional, quanto para o clube, que mantém a fidelidade ao local e a imprensa, que atende a ambas demandas e estabelece a figura tradicional como meio de afetação.

Panteasização: A sexta categoria, a “panteasização”, aborda a construção da figura de um herói da partida e do momento, elevando tal personagem ao “Panteão” histórico do time, em alusão ao local de celebração de deuses da mitologia grega. Na partida, Zé Carlos representa esse conceito.

Tecnicidades: Por fim, as tecnicidades, sejam elas positivas, como a possibilidade de acesso global da transmissão radiofônica por meio de sua transmissão online ou por seu arquivo gravado, mas também negativas, como a interrupção de um sinal, que não impedem a dimensão comunicacional do afeto, e sim a deixam mais presente.

5. Conclusão

Ao passar por todas essas categorias, é possível compreender como o foco central em abordar a questão da dimensão comunicacional do afeto dentro de uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol foi trabalhada, a partir da conexão de uma rádio local, da torcida construída como uma comunidade cultural e a instituição de campo e de escritório de um time interiorano.

Nessa esteira, ao concluir a construção da pesquisa percebemos como é reforçado o afeto dentro da dimensão comunicacional enquanto um aspecto de forte importância

para a conexão de diferentes elementos que parecem desconexos em primeiro momento, mas fazem parte de uma teia interacional da construção de processos sociais. Portanto, resultando na afetação de um ao outro de forma não linear, e que fazem a paixão por um time, em suas diversas maneiras, arder forte e a tradição não morrer, seja com qualquer valor monetário possível.

REFERÊNCIAS

ESPORTE CLUBE SÃO BENTO: **História**. Disponível em: <https://ecsaobento.com.br/site/history.php>. Acesso em 15 agosto 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL: **Sobre o clube - Oeste**. Disponível em <https://futebolpaulista.com.br/Clubes/OClube.aspx?IdClube=3307>. Acesso em 15 ago. 2023.

FERREIRA, Thiago Emanuel. **Transformações de políticas e afetos no Brasil**: contextualizando radicalmente o acontecimento junho de 2013 em fluxos audiovisuais. 2019. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29806>. Acesso em: 15 agosto 2023.

GIAVONI, Guilherme: De Itápolis ou Barueri? Quem é o Oeste, time que briga pelo acesso à Série A. **ge.globo**, Barueri, 14/11/2017. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/temesporte/futebol/times/oeste/noticia/de-itapolis-ou-barueri-quem-e-o-oeste-time-que-brigapelo-acesso-a-serie-a.ghtml>. Acesso em 15 agosto 2023.

GOMES, Itania Maria Mota; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 1, p. 8-21, ago. 2019.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as Transmissões Pioneiras. In: RADDATZ, V. L. S. et al. **Rádio no Brasil**: 100 anos de história em (re)construção. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020, p. 79 - 96.

JOGO COMPLETO: OESTE X SÃO BENTO | SEMIFINAL - VOLTA | PAULISTÃO A2 2022. Paulistão. 09/04/2022. 3h32min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3xvQxoWQ98&t=10752s>. Acesso em 15 agosto 2023

MARCONDES FILHO, Ciro. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. In: **XX Encontro da Compós**, UFRGS, Porto Alegre, Julho-2011, p. 1-16.

OESTE X SÃO BENTO - AO VIVO. Cruzeiro FM. **Youtube**. 09/04/2022. 5h46min14s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L9ZxaMOVnno&t=16544s>. Acesso em 15 agosto 2023.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. Panda Books, 2004.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 10. ed. Lisboa: Presença, 2009.